

# REVISTA ILUSTRADA

**CORTE**

ANNO 16 \$000  
 SEMESTRE 9 \$000  
 TRIMESTRE 5 \$000

**PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI.**

A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas  
 à RUA D'ASSEMBLEA 44 OFFICINA LITHOGRAPHICA da REVISTA ILUSTRADA.

**PROVINCIAS**

ANNO 20 \$000  
 SEMESTRE 11 \$000  
 AVULSO \$500



Saudamos com entusiasmo o reaparecimento do "Globo" e da nossa maior penna brasileira. No horizonte politico e social, esse jornal occupara um grande espaço, que nelle se conserva por muitos seculos, e o que sinceramente desejamos.

## Revista Illustrada

## CHRONICAS FLUMINENSES

Rio, 10 de setembro.

A' hora em que apparecerem estas linhas ja terá apparecido, ou melhor já terá reaparecido o *Globo*, a cuja frente se acha Q. Bocayuva.

O *Globo* publicar-se-ha á tarde.

Eu já tinha predito e aqui nesse mesmo lugar, a volta de Quintino Bocayuva ao jornalismo, e audei a reaparição deste cometa da imprensa, um dos nossos raros jornalistas que ainda pertencem a grande raça dos escriptores. A minha tarefa está pois cumprida por este lado.

Com Quintino Bocayuva vão trabalhar no *Globo* mais dois jornalistas distinctos, os Srs. F. Silva e A. Leitão, que voltam igualmente á imprensa depois d'uma sentida ausencia. Foi companheiro de ambos, conluago e dedicação d'um e d'outro, respeito a sua sinceridade, a sua firmeza de caracter para não deixar de me congratular sinceramente com o orgão resuscitado, por mais essas duas surpresas, duas garantias ao mesmo tempo da sua vitalidade.

\* \* \*

Ha cincoenta e nove annos — diz o Almanak — que o Brazil fez a sua independencia.

Ha tambem os mesmos cincoenta e nove annos que as commissões de festejos não tem senão um programma commemorativo da nossa festa nacional: luminarias nos dois largos, de José Bonifácio e da Constituição, e musica da pancadaria!

Isto já amolando, eu mais alguns amigos, Dr. F. da Costa, Luiz de Almeida, Cardoso de Menezes, Queiroz e outros, não menos alegres não fomos vêr as luminarias, nem ouvir as bandas marciais. Consolamo-nos comendo o almoco que nos offereceram os tres amigos L. Costa Ferreira, B. Filgueira, Cardoso, cujo menu não deixava de ser aperiectivamente patriótico. Havia roballu com molho a independencia, galantine a José Bonifácio, perú trufado a Tiradentes, peça montada a Sete de Setembro... Tudo isso regado de excellentes vinhos e mais excellentes pilherias.

Cada um festeja a sua independencia como pôde — ou como gosta.

\* \* \*

Um observador curioso, que ainda não faltou a nenhuma representação da companhia lyrica, tem se divertido a contar as toilettes de cada uma das nossas elegantes. D'uma dellas, que eu não oso nomear, mas que não é prohibido adivinhar, ajuça elle que tem contado sempre cada noite, cada toilette nova! Assim, quando lhe perguntavam hontem, quantas recitas temos tido, elle saccou do cabenhu e respondeu affoutamente:

— A Sra. A. C. de A... tem estrado onze toilettes!

\* \* \*

Quem disse que não houve regatas, quinta-feira?

A bahia de Botafogo esteve brillantemente concorrida. Os bonda passavam cheios a pôr gente fóra; os carros abertos cruzavam-se em grande profusão, muitos escaletes deslisavam sobre a onda amara, em todas as sacadas fulguravam rostos mimosos, physionomias rissonhas, alegres, foiteiras, e caes parecia uma grande via lactea.

Como então não houve regata, quinta-feira?

O que é isso senão a regata? ou pelo menos o lado pittoresco, attrahente e festivo da regata? Não houve pareos, os escaletes não correram parella, ninguem venceu, ninguem foi vencido, ninguem ficou triste com a derrota? Tanto melhor! Foi uma regata pacifica, sob um céu ameno, uma regata igual para todos: ninguem perdeu, ninguem ganhou — excepto a companhia de bonda.

\* \* \*

Ha grande movimento no jornalismo fluminense.

Reapparece o *Globo*, gazeta da tarde, que, segundo se diz, será um aliado da *Gazeta de Noticias* na campanha financeira que tem de encetar, a favor do Credito real. O *Cruzeiro* — e é com sincera magoa que eu digo, toca finalmente ao seu termo; morre á mingoa de papel, elle que entretanto gastava tão pouco! sendo, crê-se, abafado pelo *Diario do Brazil*. No *Jornal do Commercio* ha tambem reformas, mas todas internas... Respeitemos a vida privada.

Este grande movimento no nosso jornalismo, embora não muito lisongeiro, tem todavia uma vantagem: faz pensar que nós temos imprensa.

\* \* \*

O publico fluminense vai em brave apreciar uma alta novidade: a rabeca de mesa.

A rabeca de mesa, como lhe chama a Sra. Augusta Hartmann a primeira artista que nos traz este instrumento, tira o seu nome da circumstancia de se adaptar a uma mesa especial. Tem a fórma convencional d'um coração pouco convexo, e differe ainda da rabeca pela distribuição do braço e pelo numero e qualidade das cordas; são tres e todas de metal.

Sobre estas tres cordas, e por meio d'um arco de rabeca, ouvimos a Sra. Augusta Hartmann executar algumas composições musicas de extrema belleza, com raridade habilidade e muita expressão. Os sons da rabeca de mesa são metallicos assemelhando-se aos d'um bandolim que sustentasse as notas.

A Sra. Augusta Hartmann, que é uma joven e formosa artista, é ainda muito perita na cythara.

\* \* \*

A mamãe do joven Arthur está furiosa contra as mezas examinadoras.

Imagem, reprovaram o seu querido filhe um rapaz de vinte annos, em francez, portuguez, geographia, arithmetica, em tudo omittu para o que elle se inscreven.

— Descança, meu fillo, por mais que elles contestem os teus meritos, não deixarás por isso de continuar a tua carreira litteraria.

— Mas o que fazer, sem attestados?

— Vaes entrar para a redacção do *Cruzeiro*.

\* \* \*

Uma recordação da guerra do...

Um brigadeiro communica ao general chefe que acaba de fazer uma surpresa ao inimigo.

O generalissimo acode pressuroso para colher os louros da victoria.

Acha a brigada em completa debandada, e fugindo como se tivesse um incendio pelas costas.

— Mas, quer dizer isso?

— General, os inimigos julgavam encontrar-nos nas nossas posições. Nós abandonámos o campo. Os logrados foram elles.

ALTER.

## Gazetilha

A redacção da *Revista Illustrada* continúa a gosar perfeita saude, e participa aos seus assignantes que está em via de mudança para a rua de Gonçalves Dias, onde a directoria continuará a receber qualquer reclamação — e assignaturas.

\*

Proseguem as camaras municipaes das provincias dando ás ruas o nome do conselheiro Barque de Macedo. E' a camara municipal de Cuyabá que vai achar-se em apuros para seguir esse exemplo: tem apenas tres casas e que não formam rua!

\*

Na rua d'Ajuda mesmo defronte do convento, fazem-se n'este momento grandes excavações.

Um ouro-pretano passa, e pergunta a um vendedor de jornaes para que aquella vala?

— Para interromper a comunicação subterranea entre o convento e o seminario!

\*

Foi rectificado o tratado de convenção entre os governos brasileiro e portuguez para a romessa de dinheiro entre um e outro paiz, por intermedio do correio e em vales postaes. — Aviso aos amigos do outro lado do Atlantico que me quizerem mandar alguns patacos.

\*

Apparecerá brevemente a *Gazeta Musical*.

— Se antes „apparecerem assignantes em numero sufficiente á grantir-lhe vida.“

E' o que se chama tomar o vao, antes de se arriacar no rio; mas antes disso do que apparecer hoje para morrer amanhã, como tantos outros...

R.

O dia seguinte do amor

VI

Um grande tremor amparou-se de Eliana. Um clarão brilhou-lhe no olhar, signal d'uma tempestade terrível que se accumulava no seu coração. Mas por um phenomeno exquisito, a sua voz enfriou-se e foi sem a menor apparencia de emoção que ella recommençou friamente :

— Então, a sua intenção é que eu me torne a sua amante ?

Bom ! começam os palavrões, diz Gastão estourando n'uma gargalhada. Onde viste isto ? a minha amante ? Porque não dizer logo a minha amasia, como se dizia das mulheres das abbades no tempo em que nem todos os abbades tinham a sua comadre. São palavrões... Eu sou um homem, não é verdade ? tu, és uma mulher... Pois bem... Eu dar-te-ei o que te fôr preciso para viveres... para teres cass... Todo o mundo é o que faz...

— Não, Gastão, responde-me ainda seriamente, sem mofa, rogo-lhe... Se eu recusar as suas... generosas propostas... se eu persistir em continuar com as minhas licções, para conservar a minha independência que constitua toda a minha dignidade... O que pretende fazer ?

— Mas, pilulas ! é idiota tudo isso. Quer saber o que eu farei ? Pois bem, prefiro renunciar... mas reflecte, hein ?... Eu não posso todavia ter uma namorada para os domingos sómente como os caixeiros... Não estou habituado a rações, e não é agora na minha idade que mudarei... Tu sabirás commigo, quando eu quizer, iremos ao theatro, iremos ao jardim, iremos seja onde fôr, enfim, se queres... Ou então boa noite !

— Perdão, diz Eliana cada voz mais fria : desculpe a pergunta que lhe vou fazer. Sei d'antemão a sua resposta... mas é para nada ter a arguir-me depois... O senhor conta casar commigo ?

Gastão, que tinha ainda um fundo de moralidade, foi bastante generoso para não caturar n'uma gargalhada. Conservou-se apenas silencioso.

— E' tudo quanto eu quaria saber, diz Eliana, mostrando que tinha comprehendido o silencio de Gastão. Bem ! agora, adeus.

Tomou o chapéo e sem mesmo olhar-se no espelho, deu o laço o foi-se.

— A que horas voltas ? á noite, não é ? nós fallaremos de tudo isso com mais vagar.

— A' noite, sim.  
— A' meia-noite ?  
— A meia-noite, seja.  
— Se eu não chegar logo, não te impacientes, é que terei tido negocios importantes. Até logo então.

— Adeus, Gastão...  
... Eliana sahio. O ar puro baten-lhe em cheio no semblante. As casas pareciam gyrrar. As paredes pareciam desabar sobre ella... Eliana estava completamente bebada... bebada de desespero e de vergonha...

Odio a Gastão, não, ella não tinha. O que tinha ella a lhe censurar ? Ella devia ter tomado as suas precauções. Não. Ella não tinha nem odio nem desprezo por elle. Em compensação, todo o amor estava morto, como fulminado por um raio. Pois que aquelle homem exigia que ella descesse para ser digna delle, é que elle proprio não era senão baixezca. Não o odiava ; não o desprezava, desdeitava-o... E o seu justo orgulho não pensava mais nelle.

... Mas ella. Ella ! a filha d'um pae tão probo, d'uma mãe tão santa ! Ella, cuja honra não tinha ainda recebido o mais leve arranhão... Era ella propria que ella exprobase e desprezava ! Ao grande ar, os perfumes da noite subiam-lhe ao cerebro e produziam-lhe uma impressão analoga a da mancha de sangue sobre a mão de Macbeth. Parecia-lhe que se lavasse ella em todas as aguas do arrependimento e da penitencia, a odiosa mancha não se apagaria nem deixaria de denunciar a sua vergonha a todos os passantes.

O que fazer agora ?  
Voltar ao encontro de Gastão ?  
Começar um officio de... Não, nem era bom pensar n'isto.

Recomeçar a vida d'outrora ? ir procurar as suas alumnas ? abandonar-se ao remorso que iria cada dia diminuindo... Nunca !

Uma onda de desgostos subia-lhe á garganta e afogava-a. De qualquer lado que olhasse o seu futuro, elle apparecia-lhe indigno, desprezível, immundo...

Havia uma solução : agarrar-se a Deus e procurar o esquecimento do mundo na morte d'um convento. Mas já não ha conventos de portas abertas...

Eis porque, na mesma noite, á hora em que Gastão voltava, esperando Eliana, ella adormecia tendo esgotado um vidro de ladanum.

X

Notas e impressões

E' occupando-nos da felicidade dos outros que fazemos a nossa felicidade.

B. DE SAINT-PIERRE.  
....

As mulheres vêm finamente os detalhes, o todo escapa-lhes ; ha entre ellas excellentes miniaturistas, mas architectos nunca.

VALTOUR.  
....

Os melhores operarios são os que trabalham cantando.

UM DIRECTOR DE FABRICA.  
....

Ha na historia resurreições de typos e de caracteres que fazem crer nos avatares da fabula indiana.

P. DE SAINT-VICTOR  
....

As mulheres amam sempre ; quando lhes falta a terra, refugiam-se no céu... Agarram-se a Deus, quando o diabo não as quer mais.

ALTER.  
....

O grande, o cruel character das paixões é imprimir o seu movimento a toda a vida e não dar a felicidade senão a poucos instantes.

STARL.  
....

E' muito conscienciosamente que os imbecia negam o espirito dos outros.

K. BRITO.  
....

CHRONICA THEATRAL

O theatro Lucinda varia cada noite os seus espectaculos. Depois de algumas brilhantes reprises, acaba de nos dar uma boa novidade.

Eu digo novidade, porque embora já tratado o assumpto do novo drama, é sob uma nova face que o autor do *Segredo do Lar* encara o adulterio. O *Segredo do Lar* é a questão do adulterio, apresentada d'um modo original, tendo por unica these mostrar os perigos das uniões, tão communs, entre pessoas de idades disproporcionadas. Um velho casa com uma joven, Olympia, a quem ama extremamente ; mas de quem não é correspondido. Os seus cabellos brancos, as suas rugas, o seu bom character, as suas boas maneiras... tudo isso enfim que constitua um bom velho, que inspira respeito, elle possui em alta dose ; mas não é o que basta, não é mesmo o essencial, o amor não se nutre do respeito, nem nasce





*A brava gente não tendo até hoje achado outro modo de manifestar o seu entusiasmo senão por meio de foquetes, o bronseo monumento da independência e todo o seu seguilo, acabará um dia por escamar-se de veras.*

da gratidão. Olympia não ama portanto o seu marido.

De não amar o marido a trahido vai bem pouco para a mulher d'um caracter variavel, mesmo romantico, incomprehensivel, como é o de Olympia, que não ama ninguém, mas accoita a corte de alguém com quem vai ao ponto de decidir abandonar o lar. Lamenta-se como sacrificada e racionalmente; mas vai fugir com o seu amante, quando Jorge a impede de realizar esse acto.

Jorge é um antigo escravo do marido trahido; tem por elle uma amizade, uma dedicação muhometana. Servio-o desde de pequeno, acompanhou-o quando o senhor era estudante, estudaram juntos, apostavam quem decoraria melhor a lição; adorava-o, enfim, idolatrou-o a ponto de recusar a liberdade tanta vez offerecida. Zeloso da honra do seu senhor, tendo entrada mesmo nos salões, foi-lhe facil surprender os amores adulteros de Olympia, que mesmo as amigas da casa já conheciam — Só os maridos e os paes não vêem estas cousas que tanto lhes tocam.

N'estas condições, senhor do segredo do lar, o escravo torna-se o senhor da senhora. Olympia temia-o. Tentou afastal-o de casa; mas quando o consegue, quando o marido, intrigado, expulsa o escravo por ladrão, o drama já toca ao seu termo. Descobre-se o plano da fuga; Olympia é surpreendida quando vai abandonar a casa com o amante; o marido quer mata-la, mas enlouquece, Jorge apunhal-a e diz ao amante que quer matar-se:

— Não!... Vá dizer la fóra que elle enlouqueceu porque eu a matei!

—o—

Eis ligeiramente o drama do Dr. Candido Barata Ribeiro, de Campinas.

Como vêem, ha ahí o assumpto d'um drama, e d'um bom drama. Não é isempto de defeitos, tem-n'os; o caracter da mulher não está tão profundamente traçado como de vera estar, não constitue um typo; ha pequenos esquecimentos: Olympia deixa, por exemplo, algumas cartas do amante ao alcance do Jorge e, peor, abandona-se de modo que o marido encontra uma. Mas são pequenos senões intelligentemente compensados. O typo do escravo está vigorosamente descripto. O drama está dividido em quatro actos. Agrada-me sobretudo o primeiro, que muito promette; mas a situação é a mesma nos seguintes, nos quaes o estylo se torna menos brilhante, o dialogo menos animado, mais frouxo.

Finalmente não é um trabalho insignificante. Muito pelo contrario.

E' preciso agradecer á empresa o esmero com que ensinou a intelligencia com que distribuiu e a boa vontade com que montou um drama nacional. D. Lucinda esmerou-se em bem realçar as bellezas do seu papel e conseguiu-o brillantemente. O Sr. Furtado foi o artista sempre correctissimo; o aerea uma injustiça não citar o Sr. Xisto Bahia, justo, verdadeiro, natural no desempenho do seu difficil papel de Jorge.

Um bello espectáculo, em summa.

—o—

Da companhia lyrica estreou mais um artista, o Sr. Pogliani.

O Sr. Pogliani faz o possivel para ter voz de barytono; mas consegue apenas metade: ser barytono. Já não é! Le pouco.

ALTER.

### BIBLIOGRAPHIA

O conhecido e estimado poeta Assis Brazil acaba de publicar um livro, a *Republica federativa*, que por não ser um livro de versos, não é por isso menos estimavel.

A *Republica federativa* é um livro politico em que o Sr. Assis Brazil defende com grande talento a republica e o federalismo. Sem entrar na apreciação das idéas sustentadas pelo autor, devemos todavia dizer que o seu livro é um trabalho sério, escripto em bello estylo; com uma convicção inabalavel, e revelando um grande fundo de conhecimentos.

— Da capital do Paraná, chega-nos um volume intitulado a *Honra do barão*.

E' um romance.

Na primeira pagina a photographia do autor, Sr. Rocha Pombo, representa um joven, sympathico, d'uma physionomia intelligente. O que o romance prova, apesaz dos defeitos que a critica possa apontar-lhe.

— Recebemos ainda:

*Iniciador*, n. 1 anno I... „pequeno jornal, modesto na fórma, mas rico de esperanças e de pretensões...“ A esperança é um consolo; mas infelizmente a pretensão não faz a felicidade.

— Uma *Carta* (Lisboa), do illustrissimo, excellentissimo senhor conselheiro Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira, a proposito do seu livro, *D. Miguel e a sua realza*.

Quando nos mandarem o livro, nós leremos a carta.

JUNIO.

### Pequena Chronica

A remana foi tetrica, fatal!

Um suicidio por falta de dinheiro, uma mãe que abandona o filho, um pae que não pôde defender a filha, a policia donjuanando...

E' horrivel!

O suicidio sobretudo. Um homem que se suicida por não poder satisfazer os seus compromissos nem saldar as suas contas, quando a epocha é tão bella, e lhe era tão facil deixar os credores suicidarem-se a si, desde que não podiam viver sem o seu dinheiro!

Ha nada menos razoavel?

A policia donjuanando! E' grave, gravissimo.

Esse major casado, um mantenedor da ordem publica que leva a desordem ao seio das familias, seduzindo uma menor!

Tambem as meninas ingenuas são tão faceis de seduzir!

Não ha que vêr, é uma reviravolta de todos os costumes. Vae ser necessario que as familias se armem para manter a moralidade na policia.

Felizmente no meio dessas proezas politicas, tivemos outras ás aveasas: tres diligencias bem feitas que nos livraram de tres larapios.

E' preciso ser grato ao Dr. Macedo de Aguiar e pedir-lhe que não arrefoga no seu enthusiasmo.

Ninguem melhor que os larapios comprehendem o dito da *Biblia*: Crescei e multiplicai-vos!

Margarida é uma encantadora joven, cheia de attractivos; mas muito innocente.

— E', diz alguém, a ultima descendente de Paulo e Virginia.

Julinha é uma joven, feia até o crime e que tem a mania de se apaixonar por todo gato penteado que lhe passa pela porta.

Ultimamente apaixonou-se pelo caixeiro que lhe levava as amostras do fita, a ponto de querer suicidar-se, quando se sentio desprezada pelo Romeu da quinquilharia. Engulio toda a massa phosphorica que os ratos tinham deixado...

Vem o medico, emprega os recursos da sciencia e salva-a.

A mãe, agradecida:

— E agora, dr., quanto lhe devo?  
 — Oh! minha senhora, V. Ex. dará o que quizer.  
 — Bom e desinteressado!... Quero ser generosa, dr.; devo-lhe a vida da minha Julia. O que poderei eu dar-lhe em troca senão a sua mão?

Os banhos nunca foram corridos.

K. Brito encontra uma sua tia d'uma instrucção mais do que rudimentar.  
 — Então, como vai, titia?  
 — Ah! meu filho, soffro horrivelmente... O que me mata sobretudo é a falta de *appétite*.  
 — Mas titia, porque não manda pôr alguns *appétites* na sua comida?

Na roda equívoca.  
 Duas camélias se encontram.  
 — Que ar fatigado!... Deves acabar de ter trabalhado muito?  
 — Justamente.... Levanto-me agora mesmo.

Ego.

**Do meu canchinho**

Os homens são como os algarismos; a sua importancia depende da quantidade de outros homens, zeros, sem valor, mas que lhe determinam a posição na sociedade.  
 A hospitalidade é o mais cruel dos beneficios.  
 Uma virtude que é natural não tem merecimento.  
 Para comprehender como as mulheres são mentirosas, basta reflectir na difficuldade que temos a nos fazer acreditar por ellas.  
 E' preciso pensar sempre no futuro: eu guardo para a minha velhice o arrependimento de todos os meus peccados.

K. BRITO.

**Livro da porta**

Sr. A. B. C. — Trate de o aprender.  
 Sr. ASSIGNANTE, de Maria Angú. — E' do correio; se do d'aqui, se de lá, não sabemos; mas d'um dos dois com certeza.  
 Sr. QUIDAM. — E' uma questão muito intima... De mais cada um puxa a brasa para baixo da sua sardinha— ou torra a sua ilha o melhor que pode.

Sr. CORTOSO — Em primeiro lugar não sabemos; em segundo se soubossemos, porque lh'o diriamos?  
 Sr. PUIL... — Pouco sonoras, os seus veracos.  
 Pouco sonoras e uns maiores outros menores, quando a igualdade é uma coisa tão bonita!

**PELOS THEATROS**

Ha nos trabalhos obrigados da imprensa, — nas chronicas, nos folhetins, em dia certo — uma coisa que, em gyrta jornalística, se chama entrelinha. A entrelinha, como a pequena lamina de chumbo que lhe deu o nome, serve para encher linhas, para tomar espaço; é o dito velho, o assumpto esgotado, a frase repisada, a que se recorre na falta de materia, ou na carencia de espirito.  
 Como os folhetinistas, os empresarios de theatros, tem as suas entrelinhas.  
 Nas companhias lyricas, por exemplo, o *Trovador* é uma grande entrelinha que os empresarios nos dão, quando nas condições em que o folhetinista diria: „Nem uma novidade! a semana foi esteril como Sara — antes da annunciação do anjo enviado pelo Senhor.  
 E' preciso portanto não querer mal ao Sr. Ferrari se ainda este anno elle teve de recorrer ao *Trovador*. A bella opera de Verdi tem além d'isso os seus adoradores apaixonados na velha guarda — e na Guarda-Velha. O que muda um pouco o aspecto da sala do theatro imperial nas noites do *corro a salvar-la*. Assim os que tivessem passado o seu binoculo pelos camarotes e pela platéa, teriam notado relaxando por entre as physionomias alegres e viçosas das habitues, algumas cabeças novas — no theatro. Era a velha guarda.  
 Ao meu lado estava um velho dilettante de chinó, para quem as melodias de Verdi tem um encanto particular. Completamente empossado da sua cadeira, a cabeça revirada para traz, os olhos fechados, as mãos sobre os braços da cadeira, a bocca aberta para melhor beber as semifusas do maestro, desperta de repente n'um accesso epimeodico para me dizer:  
 — Como é bello, hein? Todo o romantismo está impresso n'esta musica! Só a abertura vale mais do que o prologo de *Cromwell*. Escute este acompanhamento. Ha alguma coisa de profundo como nas peças de Shakspeare. E que torrura, que accentuações melifluas! Oh! a escola romantica! Em seu romantico até a raiz dos cabellos...  
 — Do chinó? perguntei eu levantando-me, para me ver livre do meu amolador, que felizmente não mais vi durante o resto do espectáculo.

Livre do meu visinho, eu pude omfim prestar alguma attenção ao estrepante. Attenção que elle não prendeu por muito tempo.  
 O Sr. Fogliani...  
 Eu observei a sala. Estava esplendida: a Sra. A. C. A... de azul celeste, decentemente decotada; a Sra. R... de côr de perola; a Sra. B... de grana com rodas pretas, d'um côrte parisiense; a Sra. condessa de E... de amarello claro; a Sra. A. P.

de velludo preto e flores de brilhantes; a Sra. B. da M... de soda azul meio decotada; a Sra. L... de velludo preto; a Sra. A... de setim negro e muita moça sobretudo muito moça.  
 A sala salvou o espectáculo.  
 Rectifiquemos: No meu correio passado escapou um erro de less-nada. Dando conta da toilette da Sra. R... sahio „vestido decotado... e chapéo...“ O que é horrivel, pois o decote e o chapéo são dons inimigos tão irreconciliaveis como um frade com a moralidade!  
 Felizmente a Sra. R... tem bastante espirito para me perdoar este involuntario horror.

Para maior interesse do seu repertorio o Sr. Fardado Castello trouxe-nos um drama, o *Segredo do lar*, de São Paulo, de Campinas...  
 Mas, não se assustem, o *Segredo do lar* é bem escripto por um medico, o Dr. Barata Ribeiro, que discute o adulterio, essa these tão debatida, mas que elle encara por uma face nova e que lhe rendeu ainda quatro actos, intelligentemente architectados. Já representado embora na provincia, era uma novidade aqui na côrte e tinha ainda o interesse de ser-cousa rara! — uma peça nacional, cuja acção se passa no Rio de Janeiro. Nestas condições e com estes elementos, já se pôde adivinhar toda a curiosidade que dispertou o novo drama, não é?... Pois assim não foi.

Pelo contrario, meamo!  
 A sala embora cheia, estava quasi completamente vazia daquelles que lá deviam estar. Quasi ninguém da imprensa, quasi ninguém das lettras, ninguém das artes, ninguém da politica. O *Jornal do Commercio* representado por um redactor; da *Gazeta de Noticias* um que só vio a metade do espectáculo; do *Diario Official*, da *Gazeta da Tarde* e outros, ninguém, do Conservatorio, nem o Sr. barão de S. Felix, nem o Sr. João Cardoso, nem o Sr. V. de Barros, dois serranias apenas. Não vimos tão pouco os Srs. Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Franklin Tavora, Luiz d'Andrade, Pedro Luis, J. Manoel de Macedo, Carlos de Laet, Sylvio Romero, Zalzár, commandador Bollegarde, Affonso Celso Junior, Capistrano de Abreu e *tutti quanti*, ou esperava encontrar terça-feira no Lucinda.

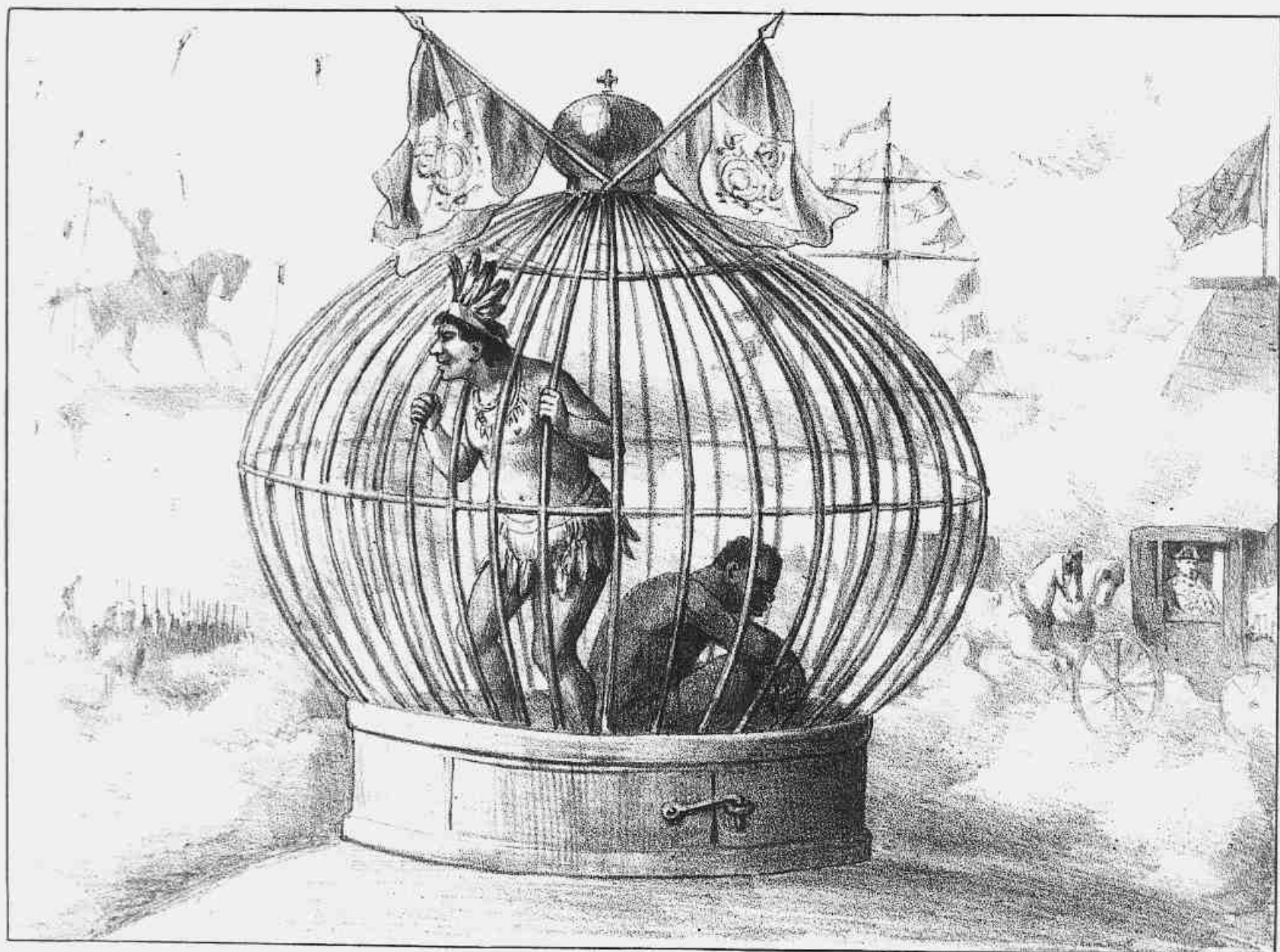
— A peça vinha de S. Paulo, de Campinas dirão elles.  
 E' verdade; mas não era do Sr. Carlos Ferreira fora além disso bem encenada e encenada com esmero e tivemos um bello espectáculo. Sem a presença do annuojo, se acreditaria mesmo que a acção do drama se passa em Paris, tão elegantes são as toiletas de D. Lucinda.  
 Bem bom espectáculo!

D. JUSTO.

**AVISO**

Agradecendo a todos os assignantes das provincias que mandaram satisfazer a importancia de suas assignaturas, rogamos aos que ainda não o fizeram o obsequio de seguir tão bom exemplo certos de que muito lhe ficara agradecida  
 A Administração.





O País, que não vê festejar o dia 7 de Setembro senão pelo canhão e foguetório oficial, começa a compreender que a sua independência só se traduz em fumaça; em muita fumaça...